

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Kast dará foco à classe média em seu mandato no Chile

Chile inicia seu governo mais à direita desde Pinochet

O Chile deu início ao governo mais à direita do país desde o fim da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990). Cercado de apoiadores, José Antonio Kast tomou posse como presidente, após receber o broche O'Higgins, que leva o nome do libertador do Chile, e a faixa presidencial de seu antecessor, Gabriel Boric. Horas mais tarde, Kast fez seu primeiro discurso como presidente, na varanda de sua nova residência, o palácio La Moneda, em Santiago. O político optou por fazer um aceno à oposição. Disse que queria unidade, sem esquecer as diferenças, mas trabalhando por todos os chilenos. "Não é o momento de rancor, mas de executar uma tarefa. Queremos convidar os que votaram em mim e os que não votaram a fazer parte dessa unidade."

Auditoria do governo anterior

Após romper com Boric durante a transição, acusando-o de falta de transparência, o novo presidente sinalizou que fará uma auditoria para revisar as contas do governo anterior. "Vamos ser implacáveis com quem roubar dinheiro dos chilenos", afirmou. "Estamos vivendo uma mudança de poder republicana, vamos fazer auditorias." Ambos se reencontraram no domingo (8) e retomaram as reuniões entre as duas equipes.

Fotografoencampana/ Wikimedia Commons



Governo de Gabriel Boric passará por uma auditoria

Kast dará olhar especial à classe média

"Penso naqueles pais e pessoas de classe média que trabalham dois turnos e ainda assim não chegam ao fim do mês, nos que caminham à noite e sentem que a rua não é mais deles", seguiu o novo mandatário, em referência à preocupação dos eleitores com o aumento do custo de vida e da criminalidade. "Vamos recuperar o nosso país, as nossas ruas, as nossas instituições. Queremos construir grandeza, com a ajuda de todos", disse.

Antes de assumir oficialmente, ele posou para a primeira foto com seu novo gabinete no Palácio Cerro Castillo.

Diálogo com a oposição

Kast se comprometeu a fazer um "governo de emergência" e combater o crime organizado e a imigração. Durante sua campanha, Kast destacou os desafios do Chile, como a crise econômica e de segurança, além da reconstrução após incêndios florestais em várias regiões. Ele moderou seu discurso durante o pleito, prometendo diálogo com a oposição.

Por Douglas Gavras (Folhapress)

Ataque ao Líbano

O Exército de Israel afirmou na quarta (11) ter lançado uma nova onda de ataques contra alvos do Hezbollah nos bairros do sul de Beirute e prometeu agir com "grande força" na área. Os militares israelenses disseram ter iniciado uma operação contra a infraestrutura do grupo extremista na região de Dahiyeh.

Área de influência

Dahiyeh é onde o Hezbollah tem grande influência. Em comunicado, o porta-voz militar Avichay Adraee disse que as Forças Armadas "em breve agirão com grande força contra as instalações, interesses e capacidades militares do Hezbollah" na área, após relatos de foguetes do Hezbollah em direção a Israel "nas últimas horas".

Sul de Beirute

Uma série de ataques atingiu o sul de Beirute na tarde da quarta (noite no horário local), segundo correspondentes da agência de notícias AFP e da mídia estatal. Jornalistas relataram ter ouvido explosões por toda a cidade, enquanto imagens mostraram grandes explosões e fumaça cobrindo a área.

Ataques pesados

A Agência Nacional de Notícias do Líbano relatou pelo menos "seis ataques pesados" no sul da capital. O Hezbollah, em contrapartida, afirmou ter lançado dezenas de foguetes contra Israel como parte da sua maior operação desde o início do conflito atual. A milícia apoiada pelo Irã fez fortes afirmações em um comunicado emitido.

Comunicado

"Em resposta à agressão criminosa contra dezenas de cidades e vilas libanesas e os bairros do sul de Beirute", disse o comunicado do Hezbollah. Seus combatentes alvejaram alvos no norte de Israel. O governo do Líbano informou que um ataque israelense no sul do país matou oito pessoas nesta quarta.

Vítimas

A operação teve como alvo um prédio que abrigava famílias desalojadas. "O ataque israelense à cidade de Tibnin, no distrito de Bint Jbeil, resultou em um balanço inicial de oito mortos", disse um comunicado do Ministério da Saúde. A Agência Nacional de Notícias falou em cinco membros da mesma família.



Mojtaba Khamenei não foi visto desde que assumiu liderança

Guerra desloca cerca de 3,2 milhões de pessoas no Irã

Maioria foge de Teerã e grandes cidades para se refugiar no norte

Cerca de 3,2 milhões de iranianos foram deslocados dentro do país desde o início da guerra com Israel e os Estados Unidos, em 28 de fevereiro, anunciou nesta quinta-feira (12) o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur).

"Entre 600 mil e um milhão de famílias iranianas estão atualmente deslocadas temporariamente dentro do país devido ao conflito em curso, o que representa até 3,2 milhões de pessoas", afirmou a agência em um comunicado.

"A maioria deles foge de Teerã e outras grandes cidades para se refugiar no norte do país e em áreas rurais", acrescentou, estimando que "esse número deve continuar aumentando enquanto as hostilidades continuarem".

Em 28 de fevereiro, os Estados Unidos e Israel atacaram o Irã, desecandando u uma guerra em todo o Oriente Médio. Enquanto os ataques continuam nesta quinta-feira no Irã e na região, no décimo terceiro dia do conflito, o Acnur também destacou a situação dos estrangeiros refugiados no Irã. "As famílias de refugiados acolhidas no país, em sua maioria afegãs, também são afetadas. Sua situação precária e suas redes de apoio limitadas as tornam especialmente vulneráveis", alertou.

A situação se estende para os países da região. No Líbano, a guerra entre Israel e Hezbollah já deixou ao menos 634 mortos em dez dias — incluindo 91 mulheres e 47 crianças — e 1.586 feridos, anun-

ciou o ministro da Saúde libanês, Rakan Nassereddine.

O número total de deslocados internos registrados junto às autoridades chegou a 816 mil, dos quais 126 mil estão abrigados em centros de acolhimento, afirmou a ministra de Assuntos Sociais, Haneen Sayed, na mesma entrevista coletiva.

Na quarta (11), cerca de vinte países que apoiam a força de paz da ONU no Líbano, juntamente com a subsecretária-geral da organização, Rosemary DiCarlo, apelaram para uma trégua entre Hezbollah e Israel. "Uma desescalada imediata e a cessação da violência são imperativas", instou DiCarlo durante uma reunião do Conselho de Segurança convocada pela França e apoiada por outras nações.

DiCarlo apelou ao Hezbollah para que "cesse os seus ataques contra Israel" e "coopere" com o governo libanês, e a Tel Aviv para que "acabe com sua campanha militar no Líbano e retire as suas forças do território libanês".

Em nome de ao menos 24 países —entre eles, França, Alemanha, Portugal, Índia, Coreia do Sul e Espanha—, o embaixador francês na ONU, Jérôme Bonnafont, instou Israel a "se abster de quaisquer ataques contra infraestruturas civis e áreas densamente povoadas e a respeitar a soberania e a integridade territorial do Líbano".

Os Estados ainda condenaram "a decisão irresponsável do Hezbollah de se juntar aos ataques iranianos contra Israel".